



José Gabriel Ávila*
jgazores@gmail.com

Turismo no Triângulo

“Num setor económico tão sensível há constrangimentos internacionais que não controlamos. É por isso importante inovar, valorizar destinos, roteiros, criar novos programas, e sobretudo dignificar o trabalho humano com melhores salários.”



Fotografia de: José Gabriel Ávila

Os dados estatísticos confirmam-no: as Ilhas do Triângulo (São Jorge, Pico e Faial) constituem o segundo polo de atração turística dos Açores.

A diversidade e complementaridade da oferta destas ilhas estão a atrair cada vez mais visitantes.

E embora sejam bem conhecidos os constrangimentos de acesso via aérea, difíceis de ultrapassar, mesmo assim, o Triângulo continua a gerar grande interesse de investidores e visitantes.

A Ilha do Pico apresenta um parque habitacional bastante renovado, se bem que uma população envelhecida. Há, todavia, muitas casas antigas abandonadas que outrora serviram de teto a muitas famílias que ou emigraram, ou melhoraram os seus aposentos com novos edifícios.

Em volta da ilha, por entre faias, incensos e figueiras escondem-se paredes de casas de pedra aparelhada, já sem teto, algumas com balcões, espreitando quem as queira aproveitar para alojamento local.

Muitos investidores residentes e até forasteiros tem-no feito, sozinhos ou em sociedades. Adquirem casas velhas, recuperam-nas mantendo a arquitetura tradicional, mas introduzem-lhes traços de modernidade e equipamentos confortáveis que embelezam a paisagem e deliciam qualquer visitante.

A reconstrução do património antigo está a impulsionar novamente, em toda a ilha, o setor da construção civil que não tem mãos a medir para responder às solicitações. De tal forma que, segundo me informou um empresário, as serrações locais de madeira não

conseguem responder à procura e têm de se recorrer à criptoméria de São Miguel, a qual, segundo afirmam, tem menos qualidade que a produzida no Pico.

Tudo isto é a prova de que o turismo gera atividades transversais em meios pequenos, muito para além do alojamento e da restauração.

Na ilha do Pico, a capacidade hoteleira assenta, fundamentalmente, no alojamento local. Há 351 estabelecimentos do género com capacidade para 1.967 camas. Do total, as restantes 809 camas pertencem à hotelaria tradicional (9 unidades - 573 camas) e ao Turismo em Espaço Rural (20 com 236 camas).

Se a estas juntarmos as 2042 disponíveis na Ilha do Faial, mais as 980 existentes em São Jorge, conclui-se que a capacidade hoteleira total do Triângulo é de 5.798 camas, sendo que 3.562 (61%) são de alojamento local.¹

Os resultados divulgados recentemente sobre a evolução do turismo entre janeiro e julho registam uma evolução positiva de 10,9% no Pico, 14,8% em São Jorge e 9% no Faial, num total regional de meio milhão de hóspedes. São Miguel destaca-se com 21,6% do total e a Terceira perde 2,7%.

Nesse período, São Miguel teve 70% das dormidas, fruto da sua crescente capacidade hoteleira, em resposta à enorme procura por um destino cujas potencialidades se destacam no panorama açoriano.

Não deixa de ser verdade que cada ilha e um mundo, tem belezas singulares e que as ilhas do Triângulo dispõem de encantos diferentes.

Um dos mais belos cenários é a subida à Montanha do Pico, cujo trajeto é cada vez

mais apreciado e visitado pelos turistas. Não só na época estival, mas também no inverno, quando a neve veste o vulcão adormecido e, em redor, a vista alcança as cinco ilhas do grupo central.

Muito já se fez para garantir o bem-estar e a segurança dos montanheiros nas subidas e descidas. A casa da Montanha e o apoio constante aos visitantes é de relevar. No entanto, talvez se devesse pensar na colocação em cada marco de sinais luminosos alimentados por energia solar. Isso facilitaria os percursos dos visitantes. Fica o alvitre.

Quem visita o Pico, tem de, obrigatoriamente, observar baleias e golfinhos na costa sul e isso representa um segmento importante desta indústria. O outro são os “trilhos pedestres”, que os forasteiros, sobretudo estrangeiros, tanto apreciam e cuidam, num respeito exemplar pela natureza.

Do Faial e de São Jorge, sabem muito bem os operadores turísticos daquelas ilhas como deliciar os turistas. Desde as sensações espetaculares que proporcionam as Fajãs que serpenteiam a ilha do Maestro Francisco de Lacerda às memórias tão bem conservadas dos Capelinhos na Casa do Vulcão.

Esta trilogia incontornável do arquipélago central tem potencialidades imensas.

Não entendo como é que o Presidente da Câmara do Comércio e Indústria dos Açores, entidade representativa de toda a atividade económica regional, em entrevista a este jornal, só se tenha mostrado desagradado com a diminuição do turismo na Terceira e não tenha valorizado o crescimento turístico das ilhas mais pequenas, nem defendido melhorias no transporte aéreo com o Triângulo.

As declarações de Rodrigo Rodrigues isolam a Terceira do grupo central e descredibilizam a representação do empresariado das nove ilhas que não se reveem há muito naquele organismo patronal.

Está a terminar a época alta do turismo açoriano. É tempo dos responsáveis públicos e privados se sentarem à mesa, sem preconceitos nem animosidades e gizarem novas estratégias para o futuro.

Num setor económico tão sensível há constrangimentos internacionais que não controlamos. É por isso importante inovar, valorizar destinos, roteiros, criar novos programas, e sobretudo dignificar o trabalho humano com melhores salários.

Todas as ilhas ainda têm muito para oferecer. A começar pela nossa idiosincrasia.

*jornalista c.p. 239 A
escritemdia.blogspot.com